Cadernos de Pedagogia Social, 4 (2012), pp. 153-163

Diferentes Experiências, uma Nova Convivência

Cláudia Azevedo[1]
Cristina Palmeirão[2]

RESUMO: A Educação Intergeracional ganha cada vez mais pertinência no mundo que é progressivamente mais vetusto e onde a longevidade das suas gentes atinge idades sem precedentes. Diferentes Experiências, uma Nova Convivência nasce e inscreve-se no âmbito do nosso trabalho de mestrado e é motivado pela necessidade de articular a pedagogia social e a pedagogia escolar. O insucesso e o abandono escolar de um número significativo de jovens geram a necessidade de refletir sobre o valor da escola e da educação no/para o futuro próximo destes jovens. Em termos metodológicos, o trabalho surge fundeado numa matriz de investigação qualitativa e visa promover a aprendizagem cooperativa, facilitar e reforçar as relações interpessoais e o sucesso educativo de jovens em situação de risco de abandono e/ou insucesso escolar. A finalidade é robustecer a aprendizagem cooperativa, a solidariedade intergeracional e derrubar velhos mitos sobre a pessoa idosa. Da discussão dos dados ressalta o impacto positivo dos programas de intervenção sociopedagógica e a necessidade maior de valorizar e reconhecer as práticas de educação intergeracional e articulação entre a pedagogia social e a pedagogia escolar.

ABSTRACT: The Intergenerational Education is becoming more and more relevant in a world increasingly aged and where people's longevity reaches unprecedented ages. *Different Experiences, a new Relationship* was born and is scoped in our master degree work and is

[1] O artigo que agora se apresente sobrevém do trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Pedagogia Social "Gerar sucesso escolar a partir das relações intergeracionais", concluído na Universidade Católica Portuguesa.

[2] Universidade Católica Portuguesa, Porto.

motivated by the need to articulate the social pedagogy and school pedagogy. School failure and dropout of a significant number of young people create the need to reflect upon the value of school and education for the near future to these youth. In methodological terms, the work focus on an array of qualitative data research. It also aims to promote sharing generational knowledge, to improve and reinforce interpersonal relationships and to promote educational success of young people at risk of school failure and/or dropout. The purpose is to strengthen cooperative learning, intergenerational solidarity and break down old myths about the elderly. From the discussion of the data the positive impact of the sociopedagogical intervention programs is highlisted as well as and the greater need to recognize the value and practice of intergenerational education and the link between social pedagogy and school pedagogy.

Introdução

Olhando o mundo à nossa volta constatamos uma feliz realidade: a nossa longevidade é paulatinamente crescente. Viver! É a ânsia mais forte de cada ser humano. No presente, o desafio é viver bem e envelhecer de forma ativa. Para tal, importa preparar um envelhecimento "bem-sucedido" (Fonseca, 2005, p. 291), viver em e com autonomia, controlo pessoal e numa atitude de solidariedade intergeracional.

Efetivamente, o envelhecimento das populações é uma conquista da ciência e uma oportunidade ímpar para a interculturalidade e para a intergeracionalidade dos saberes, das experiências e dos afetos. Um tempo sem precedentes que nos convoca a melhor pensar o presente e o futuro que desejamos de confiança e de solidariedade entre gerações. "Nos países desenvolvidos, apenas 8% da população, em 2005, tinha 60 ou mais anos de idade, mas esta percentagem poderá chegar aos 20% em 2050, o que significa que o número de pessoas idosas nos países desenvolvidos irá praticamente quadruplicar entre 2005 e 2050" (Vos, Ocampo & Cortez, 2008:1). Também em Portugal, os últimos censos registam que o número de pessoas idosas crescente (INE, 2011).

No processo de envelhecimento, e na velhice em particular, há aspetos menos positivos. Mesmo assim, as sociedades multigeracionais envolvem uma riqueza infinita que requer um melhor compreender e ativar o papel das pessoas que atingem a idade maior.

O diálogo com o outro é um ato que tem de ser civilizado e sustentado em princípios de respeito, de dignidade e de fraternidade. Aprender

a viver juntos é uma aprendizagem contínua e um desafio permanente. "A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humano" (Delors, 1997, p. 84). Nesse sentido, o que desejamos é, assim, estruturar um diálogo intergeracional saudável, altruísta e de aprendizagem ao longo da vida (Palmeirão, 2009).

Ativar a participação e despertar em cada cidadão a vontade de melhor viver é esforço de todos nós (Palmeirão, 2008). Mais ainda, quando o ofício que abraçamos está sustentado numa matriz de carácter humanista e inscrito na lógica da Pedagogia Social.

Criar espaços de encontro e de comunicação entre gerações é uma prática que necessitamos ativar.

> As crianças e os jovens devem, pois, poder dispor de todas as ocasiões possíveis de descoberta e de experimentação – estética, artística, desportiva, científica, cultural e social –, que venham completar a apresentação atraente daquilo que, nestes domínios, foram capazes de criar as gerações que os precedem ou as suas contemporâneas (Delors, 1996, p. 87).

Um quadro a equacionar por meio de estratégias inovadoras e de maior responsabilização interinstitucional e intergeracional e cujo propósito é responsabilizar todos e cada um na construção de um mundo melhor.

1. Dos compromissos naturais às medidas sociais

> *A melhor forma de anteciparmos o futuro é compreendermos o presente e respeitarmos o passado* (Simão, 1997, p. 16)

No evoluir das civilizações, sobretudo a partir de meados do século passado, implícita ou explicitamente, as questões relativas ao envelhecimento suscitaram a atenção do mundo inteiro (II Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento, 2002; Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento, 2002). Vivemos num tempo ímpar, pautado pela efemeridade dos laços humanos, no qual se cruzam sentimentos e desejos ambíguos (Bauman, 2003, p. 54). "E se à família se associavam vínculos muitos fortes e uma teia de

relações bastante alargada, onde pais e filhos, avós e netos partilham (partilhavam) o mesmo espaço físico, afinidades e referências ancestrais com valores capazes de sustentar a relação intergeracional, hoje a realidade é outra" (Palmeirão, 2007, p. 127). A globalização do mundo é responsável por mudanças excecionais, mormente, na instituição família e tradição, transformando-as em "instituições inábeis" (Giddens, 2006, p. 29), cada vez menos capazes de exercerem com sucesso a "arte de cuidar".

2. Pela nossa dignidade…

> A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença da massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia, em que o novo é acolhido ao mesmo tempo que o antigo, em que a inovação se banalizou, em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso inelutável (Lipovetsky, 1989).

Desde o início do século passado que o avanço das novas tecnologias e as grandes descobertas da medicina trouxeram para primeiro plano o debate pelos Direitos Humanos. Na origem está a dignidade humana. "Acima de tudo há que não ofender ninguém e dar a cada um o espaço que lhe corresponde" (Von Haller, cit. Kapuscinki, 2009, p. 23) e, nesse desiderato, há que "aprender a viver juntos" (Delors, 1997).

A mudança é necessária. Há muitos anos que se pensa na educação como a melhor estratégia para o diálogo intergeracional e para, a partir dela (educação), enaltecer os "aspectos éticos e culturais, enquanto esteios para edificar a sociedade presente e futura" (Palmeirão, 2008, p. 83). A promoção das relações intergeracionais é a oportunidade para permutar valores, experiências e saberes. Nesse sentido, "a educação social constitui um instrumento privilegiado para garantir o acesso de todos a estas oportunidades de humanização da vida social, sobretudo dos que se encontram em maior situação de risco" (Azevedo, 2007, p. 9).

Pensar a educação é pensar num processo consciente de formação e de aprendizagem ao longo da vida e, nessa sequência, equacionar as diferentes dimensões da educação e da sua ação na vida.

As interações entre jovens e idosos são uma estratégia socioeducativa crescente nas novas sociedades (Pinquart, Wenzel & Sorensen, 2000;

Bales, Eklund & Siffin 2000; Brandão, Smith, Sperb & Parente, 2005; Kessler & Staudinger, 2007 cit. Palmeirão, 2007, pp. 98-112). Falta, contudo, uma política gerontológica de natureza educativa esclarecedora da velhice e, em particular, do envelhecimento individual.

3. A educação intergeracional

> Aprender a todo o tempo, em todo o lugar e ao longo de toda a vida, com a vida, porque este aprender é aprender a ser (Azevedo, 2007, p. 8)

Apreender a realidade do mundo é a sinergia necessária para bem-viver. No geral, a sociedade vive um tempo *sui generis* que influencia e condiciona a forma de agir e de pensar o presente e o futuro próximo. A estruturação de uma sociedade multigeracional pressupõe uma pedagogia social e uma educação escolar capaz de promover o desenvolvimento pessoal e social de todos e de cada um.

No modelo educacional clássico, são os adultos quem detêm a função de ensinar os mais novos. A partir dos anos 70 do século XX, desponta o paradigma da educação ao longo de toda a vida (UNESCO, 1996, p. 101). O princípio passa a ser a promoção de uma aprendizagem que acompanhe a pessoa em todos os ciclos da vida e, assim, "o crescimento global e harmónico de cada ser humano, ao longo das diferentes fases da sua existência, desde que nasce até que morre" (Dias, 2009, p. 19).

> A educação (…) surge, mais do que nunca, no centro do desenvolvimento tanto da pessoa humana como das comunidades. Cabe-lhe a missão de fazer com que todos, sem excepção, façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de se responsabilizar pela realização do seu projecto pessoal (Delors, 1996, p. 15).

Claramente um projeto de natureza antropológica que requer um aprender contínuo. Pela educação, cada pessoa pode capacitar-se para usar a sua própria palavra; fazer-se competente para apreciar o mundo e decidir sobre o seu percurso de vida. "Os homens e as mulheres educam-se em comunhão" (Freire, 1975, p. 79). Um processo sequencial de desenvolvimento das comunidades humanas (Dias, 2009, p. 262)

e o caminho que leva cada pessoa a comprometer-se e a colaborar com a sua comunidade.

> Pessoas que aprendem, comunidades que aprendem, empresas que aprendem, organizações públicas que aprendem, em continuidade e sem descanso, serão os átomos constitutivos das moléculas sociais que acrescentarão valor à sociedade do futuro (Carneiro, 2001, p. 285).

4. Do conceito à ação: um programa intergeracional

"Diferentes Experiências, uma Nova Convivência" é um programa de Educação Intergeracional inspirado em outros projetos (Bales, Eklund & Siffin, 2000; Brandão, Smith, Sperb & Parente, 2005; Palmeirão, 2007) que visa melhor sustentar os contributos da educação intergeracional para a construção de um diálogo mais assertivo e afetivo entre gerações e, conjuntamente, derrubar mitos e estereótipos a propósito da pessoa idosa. Os programas de educação intergeracional tendem a cooperar progressivamente para construir um maior conhecimento sobre o envelhecimento e sobre a velhice (Dunham & Casadonte, 2009; Gilbert & Ricketts, 2008). Um desafio e um caminho imenso, mas um percurso adequado e consequente com os ideais das sociedades educadoras.

Diferentes Experiências, uma Nova Convivência nasce, assim, da vontade de melhor compreender de que forma as aprendizagens significativas e o diálogo intergeracional podem suscitar nos jovens atitudes de motivação e de autoestima positivas. Fomentar a participação e a aprendizagem cooperativa foi o mote para: i) sensibilizar a comunidade educativa para a prática de uma metodologia participativa de natureza intergeracional; ii) aumentar a motivação e o interesse pela escola e pela educação dos alunos em situação de risco e de absentismo escolar; e iii) reforçar as redes de solidariedade por via do convívio interinstitucional, nomeadamente, em espaços escolares, através da permuta de saberes e de histórias de vida das pessoas a frequentar um Centro de Dia.

Participantes

Para o desenvolvimento do trabalho, foram organizados dois grupos: o grupo 1 (n=15), enquanto grupo de intervenção, constituído por 6 raparigas e 9 rapazes a frequentar o curso CEF; o grupo 2 (n=22), a frequentar o 7.º ano do ensino regular – turma considerada equivalente ao nível de ensino ministrado na turma CEF e o grupo de senhoras idosas, todas do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 54 anos e os 84 anos, a frequentar um Centro de Dia (CD). Em termos de escolaridade, entre as senhoras do CD, apenas 4 tem o equivalente ao 4.º ano de escolaridade e as outras 4 não sabem ler nem escrever.

Instrumentos

Tendo em atenção os objetivos definidos, a recolha de dados obedeceu a uma estrutura de índole qualitativa, orientada para a prática social e pedagógica, em que os participantes são também atores comprometidos com as mudanças e exigiu a aplicação de diferentes instrumentos de investigação. No caso concreto, os dados resultam das composições escritas. Um documento pessoal, considerado ajustado e relevante, porquanto reflete a visão pessoal de cada ator e, conjuntamente, "uma forte dimensão participativa" (Lundberg e Starrin, 2001, p. 124). Ao todo, foram escritas 74 composições: as primeiras no 1.º trimestre (outubro), as segundas no 2.º trimestre do letivo (março).

Procedimentos de recolha e análise dos dados

Os procedimentos e a recolha de dados da investigação emergem na sequência das ações e atividades desenvolvidas durante o programa e do cruzamento dos dados coletados. Para o efeito, foi desenhado um roteiro de ações, primeiramente preparado para um período de 6 meses, depois alargado até final do ano letivo. Um exercício conjunto e um esforço constante de todos: em cada sessão tratava-se um tema que se inscrevia numa atividade de promoção e aprofundamento de saberes e competências de natureza cognitiva, organizacional, social e relacional – organização e celebração de dias festivos, construção de histórias de vida pela elaboração de árvores genealógicas, visitas de estudo…

Análise e discussão dos resultados

Da análise dos documentos pessoais produzidos sobre a importância e impacto de programa de índole sociopedagógica, a primeira impressão é positiva. Dizem os "protagonistas" – jovens e idosos – que esta foi a oportunidade para desfazer mitos e estereótipos que dificultam as relações entre gerações e que possibilitou um tempo para melhor viver e, em especial, para a necessidade de melhor conhecer as pessoas idosas.

As composições escritas – realizadas em diferentes momentos – permitem traçar um quadro referencial das imagens ligadas à velhice e ao envelhecimento. No primeiro momento de avaliação, realizado em outubro de 2008, a imagem da pessoa idosa aparece quase sempre associada a situações de fragilidade e debilidade.

> A pessoa idosa é uma pessoa que já tem muita idade e é muito frágil (Doc.3_GI1_08).
> Temos de ter um bocado de paciência para não fazermos que ela [a pessoa idosa] se sinta muito mal. Uma pessoa idosa é como um bebé autêntico, se falarmos mal para ela, ela começa a chorar ou fica amuada. Temos de andar em cima dos idosos para eles não fazerem avarias. Também temos de ver se eles comem. (Doc.8_GI1_08)

No final, as composições relevam um retrato mais próximo da nossa atualidade. Seis meses é o tempo que medeia entre a primeira e a segunda composição: um tempo curto, mas, ainda assim, um tempo que permite evidenciar sinais positivos de mudança.

> A maior parte das pessoas pensam que uma pessoa idosa é uma pessoa velha, com o rosto enrugado. Que são pessoas mais frágeis e com muita mais facilidade de apanhar doenças, que não têm os dentes todos e sem capacidade para fazer nada. Mas enganam-se!
> Uma pessoa idosa é uma pessoa com muitas capacidades e com muita experiência de vida (Doc.3_GI2_09).

Os escritos dos jovens participantes registam uma melhor relação com as pessoas em geral e em especial com a pessoa idosa. Situação semelhante à referida pelas senhoras mais velhas. "Sei que posso aprender com eles e eles podem aprender comigo" (PS). Mais,

> é uma oportunidade, porque gosto muito da juventude… assim não me lembro que sou velha. Gostei imenso de ir à escola. Falei disso a toda a gente… aos meus filhos, às minhas vizinhas… esperava sempre pelas quartas-feiras… foi muito bom, muito bom, muito bom (DF).
> Foi a primeira vez que eu entrei na escola. Quando era pequena morava na rua da escola e nunca lá entrei… era sempre a trabalhar.
> O que eu queria era andar na escola. Agora fui. Agora que sou velha, mas fui sempre nunca faltei (VS).
> A gente todos juntos… foi muito bom… foi como se fôssemos uma família. Gostei de todas as semanas… eram sempre coisas diferentes…convivemos como se fossemos família deles… eles contavam coisas da escola deles… foi muito bom (DF).

Para os alunos, as aprendizagens são diversas. Destacam, contudo, as competências de escuta, organização, oralidade e escrita. E reforçam a importância de estratégias de pedagogia diferenciada, mais comprometidas com os aspetos da vida real e numa relação pedagógica mais "agradável com os professores e com a escola" (Doc.3_GI2_09). Para os professores fica a convicção da mais-valia da educação intergeracional, sobretudo ao nível da assiduidade e do desenvolvimento das competências relacionais e comunicacionais que cada aluno foi "fazendo" durante o programa. Aprendizagens que necessitam de um tempo maior para consubstanciação e de um seguimento estruturado em prol do projeto educativo da escola e do desenho curricular destes alunos. Validar estatisticamente os resultados é uma tarefa que requer um tempo contínuo e uma estratégia monitorizada.

Os alunos participantes no programa referem que o "impacto do projeto nas aprendizagens de uma forma geral foi positivo e de grande importância para a partilha de saberes" (Doc.7_P_09), promovendo um "maior esforço por parte da turma"(Doc.5_P_09) e um melhor conhecimento entre eles Doc.1_P_09. Mais, "melhoraram o seu poder de argumentação" (Doc.2_P_09) e de "relacionamento interpessoal"(Doc.5_P_09).

Considerações finais

O mundo move-se rapidamente, os desafios da nossa era são complexos e exigentes. A globalização, a pressão sobre os recursos naturais, a

grave recessão económica e a ambiguidade das políticas mundiais são disso prova. O ano de 2012 carrega em si o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações e o desafio para construirmos um mundo mais solidário. Nesse desejo, é preciso encontrar formas de agir inovadoras e capazes de implicar e motivar as pessoas a melhor comunicar entre si.

"Diferentes Experiências, uma Nova Convivência" gera assim a oportunidade para melhor materializar o diálogo e as relações intergeracionais. Pouco a pouco, a escola e a comunidade entrelaçam-se numa relação interinstitucional e intergeracional mais saudável e mais comprometida. Um esforço enorme e uma cultura que germina já por via das sementes lançadas no país e no mundo (Palmeirão, 2007; Gamiel, Reichental & Ayal, 2007a; Gamiel, Reichental & Ayal, 2007b; Gilbert & Ricketts, 2008; Dunham & Casadonte, 2009).

Bibliografia

Augé, M. (2005). *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade.* Lisboa. Graus Editora.

Azevedo, J. (2007). Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos de Pedagogia Social*, 1, pp. 7-40.

Azevedo, J. (2009). A educação de todos e ao longo de toda a vida e a regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos de Pedagogia Social*, 3, pp. 9-34.

Azevedo, C. (2010). *Gerar Sucesso Escolar a partir da Educação Intergeracional.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Católica Portuguesa. Porto (não publicada).

Bales, S., Eklund, S., & Siffin, C. (2000). Children's perception of elderes before and after school-based intergeracional program. *Educational Gerontology*, 26, pp. 677--689.

Baptista, I. (2008). Nota de apresentação dos *Cadernos de Pedagogia Social*. Educação e Solidariedade Social. Porto. 2, pp. 5-6.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Lda;

Birren, J. (1995). News models of aging. Comment on need and creative efforts. Canadá. *Canadian Journal on Aging*, 14(1), pp. 1-13;

Brandão, L, Sperb, T., & Parente, M. (2005). Narrativas Intergeracionais. *Psicologia: reflexão & Crítica*, 19: pp. 98-105;

Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação Social. Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.

Dafindoiu, I., & Lungu, O. (2003). *Research methods in the social sciences*. Frankfurt: Peter Lang Gmbh.

Delors, J. (Coord.) (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA. (9.ª ed., 2005).

Dunham, C., & Casadonte, D. (2009). Children's Attitudes and classroom interaction in an intergeneracional education program. *Educational Gerontology*, 35: pp. 453--464

Fonseca, A. (2006). *O Envelhecimento. Uma Abordagem Psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Gamliel, T., Reichental, Y., & Ayal, N. (2007). Intergeneracional Educational Encounters: Part 1: A model of knowlwdge. *Educational gerontology*, 33: pp. 1-22

Gamliel, T, Reichental, Y., Ayal, N. (2007). Intergenerational Educational Encounters: Part 2: Counseling implications of the model. *Educational Gerontology*, 33: pp. 145-164

Gilbert, C., Richetts, K. (2008). Children's Atittudes Toward Older Adults and Aging: A synthesis of research. *Educational Gerontology*, 34: pp. 570-586

Grilo, M. (2010). *Se não estudas estás tramado*. Lisboa: Tinta da China.

Kapuscinski, R. (2009). *O outro*. Porto: Campo das Letras.

King Baudouin Foundation (2010). *Intergeneration Solidarity The Way Forward. Proposals from the NGO coalition for a 2012 European Year for Active Ageing and Intergeneration Solidarity*. Belgiun.

Gilles, L. (1989). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'Água.

Marquês, S. (2009). Educabilidade e construção de laços intergeracionais. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga. UM, p. 1871--1880.

Moreno, M., & Izeta, E. (2007). Programa intergeneracional para el desarrollo comunitário. Envejecimiento activo. *Revista de Ciències de l'Educació*. Universitas Tarraconensis 31 (3) p. 95-117.

Paúl, C., & Fonseca, A. (Coord.) (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.

Palmeirão, C. (2007). O Esforço do Nosso Tempo… *Cadernos de Pedagogia Social*, 1, pp. 125-134;

Palmeirão, C. (2007a). *A interacção geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, valores e competências entre gerações*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Palmeirão, C. (2008). A Educação Intergeracional no horizonte da Educação Social. Compromisso do nosso tempo. *Cadernos de Pedagogia Social*, 2, pp. 81-100.

Palmeirão, C. (2009). Do valor da dignidade. Conquista e autonomia. *Combater a reprodução intergeracional da pobreza à exclusão social*. ISSSP, p. 99-106;

Vos, R., Ocampo, J. A., & Cortez, A. L. (2008). *Ageing and Development*. New York: United Nations.